

SITUAÇÃO DA CULTURA DO MILHO NO BRASIL

A produção de milho nos últimos anos tem oscilado fortemente, entre 27,6 milhões de toneladas, em 1986, e 21,3 milhões de toneladas, na safra colhida em 1990. Essa variação é resultado da interação de forças econômicas que afetam basicamente a área plantada e, em menor escala, os rendimentos físicos por área plantada. Esses dois fatores, pela sua própria independência, têm atuado sobre a produção de forma aleatória, podendo sofrer efeitos positivos, como o esperado na safra 1992, ou negativos, como em 1991.

A instabilidade de produção tem sido a grande característica do milho em países tropicais, como o Brasil.

Com referência à demanda, o fortalecimento das atividades de avicultura e, em menor escala, da suinocultura e da indústria de processamento do milho para consumo humano, tem definido o perfil comercial do produto, diminuindo o consumo tradicional na fazenda.

Algumas informações sobre mudanças no mercado de milho são interessantes e devem ser consideradas. A produção de aves para corte em 1991 foi cerca de 63% superior ao produzido em 1981, mostrando ser a carne de frango, hoje, a mais importante fonte de proteína animal do brasileiro. Estima-se que, de um consumo total de 25,5 milhões de toneladas de milho, em 1991, cerca de 60% se destinaram a atividades comerciais de criação animal e para a indústria de transformação e apenas 40% para o consumo típico das propriedades rurais, incluindo alimentação humana e animal de autoconsumo; Atualmente, a alimentação de aves para corte constitui a principal fonte de consumo de milho no Brasil, uma vez que somente para exportação são necessárias cerca de 300 mil toneladas de carne de frango, situação contrastante com a verificada no início da década, quando o objetivo principal era a exportação de milho em grãos.

Essa definição de consumo tem permitido o estabeleci-

mento de zonas típicas de produção comercial, onde os fatores econômicos podem atuar mais fortemente sobre a área plantada e na definição de sistemas de produção de mais alto nível tecnológico de produção. O caso extremo e mais viável tem sido o aparecimento de pólos de alta tecnologia de produção de milho, como, por exemplo, Castro e Guaruapuava, no Estado do Paraná, e Rio Verde, GO. Se esses municípios pólos são exemplos maiores do potencial tecnológico existente, há os pólos intermediários, onde um número considerável de agricultores tem tido dificuldades de atingir o potencial da cultura. Dessa forma, pequenos ajustes nas tecnologias em uso, como um maior conhecimento técnico de agricultura, maior disponibilidade de insumos, principalmente sementes mais produtivas, utilização de novos sistemas de produção, como a rotação milho/soja e melhores condições de mercado têm se constituído em avanços tecnológicos graduais nas lavouras de milho.

Se para alguns agricultores as condições têm sido aparentemente favoráveis, um grande e significativo número de produtores ainda não se integrou a esse processo, apesar de ser o milho a base de sua auto-sustentação.

A descontínua geração de excedentes econômicos tem dificultado a melhoria tecnológica das lavouras, muito mais por ausência de programas de assistência técnica e de fomento que devido à disponibilidade de inovações tecnológicas. Essa situação é muito mais grave no Nordeste do Brasil, onde, ao lado das dificuldades e dos aspectos sociais, há a extrema instabilidade climática. - *João Carlos Garcia*